



ESPOROTRICOSE FELINA: RELATOS DE CASOS

Graciele Pereira COSTA¹; Paulo Henrique Gomes TEIXEIRA²

RESUMO

A esporotricose possui caráter zoonótico, que acomete o homem e muitos animais, principalmente os felinos, tornando-se um problema de saúde pública no Brasil. O presente estudo se trata de um relato de caso com o objetivo de avaliar os sintomas clínicos, laboratoriais e terapêuticos de felinos que apresentavam áreas de alopecia em região de cabeça. Foram realizados os exames de hemograma completo, pesquisa direta de *Sporothrix schenckii*, e raspado de pele, confirmando-se o diagnóstico. Após o diagnóstico de esporotricose, iniciou-se o tratamento farmacológico antifúngico e houve cicatrização de todas as feridas, e total recuperação dos animais estudados.

Palavras chave: Esporotricose felina. Zoonose. Micose subcutânea.

FELINE SPOROTRICHOSIS – REPORTS OF CASES

ABSTRACT

Sporotrichosis has a zoonotic character, which affects humans and many animals, especially felines, becoming a public health problem in Brazil. The present study is a case report with the objective of evaluating the clinical, laboratory and therapeutic symptoms of cats that presented areas of alopecia in the head region. Complete blood count test, direct research of *Sporothrix schenckii* and skin scraping were performed, confirming the diagnosis. Once the sporotrichosis diagnosis was made, antifungal pharmacological treatment was started and all wounds healed and the animals studied were fully recovered.

Keywords: Feline sporotrichosis. Zoonosis. Subcutaneous mycosis.

INTRODUÇÃO

A esporotricose possui caráter zoonótico, que acomete o homem e muitos animais, sendo já descrita na espécie equina, canina, bovina, suína e principalmente na felina (PIRES, 2017; ALMEIDA et al., 2018). Trata-se de uma micose causada por fungos dimórficos, de distribuição cosmopolita, entre eles pode-se citar o *Sporothrix schenckii*, *S. brasiliensis*, *S. globosa*, *S. mexicana* e *S. luriei*. Eles se apresentam na forma de micélio em temperatura ambiental, e em temperatura corpórea assume a forma de levedura, sendo distribuídos na

¹ Biomédica - GUAVET, Guanambi – BAHIA – BRASIL – gracygbi2014@gmail.com

² Médico Veterinário – GUAVET, Guanambi – BAHIA – BRASIL – ph.vet@hotmail.com

natureza em plantas, árvores e solos, frequentemente isolados em locais de clima quente e úmido (SALES, 2018; PIRES, 2017).

A espécie doméstica mais acometida é a felina, principalmente os gatos não castrados e que tem acesso a rua, pois fora do ambiente doméstico há a maior possibilidade de transmissão pelo contato com o solo, com vegetais secos ou em decomposição e por mordedura ou arranhadura de outros gatos contaminados. (ALMEIDA et al., 2018; SILVA et al., 2018).

Os sinais clínicos da esporotricose nos felinos tem evolução rápida, e variam de uma infecção apresentando uma única lesão localizada, ou disseminada, para casos mais graves, em que há comprometimento sistêmico atingindo órgãos como pulmões, linfonodos internos, fígado, baço e rins (SILVA et al., 2018, PIRES, 2017). A micose pode se apresentar na forma cutânea localizada, linfo cutânea, linfática ou disseminada. Ela acomete principalmente cabeça, lombar e porção distal dos membros, se apresentando na forma de lesões, nódulos e ulcerações em pele e mucosas, (PIRES, 2017).

O diagnóstico é realizado através da história clínica do animal, dos sinais apresentados e dos exames complementares. Os exames mais empregados são o cito-diagnóstico e a cultura fúngica. A confirmação é obtida com o isolamento do *Sporothrix schenckii* nas secreções (SILVA, PIRES, 2017, ALMEIDA, 2018). Assim logo após a confirmação da doença, os animais são isolados e tratados com antifúngicos, principalmente o itraconazol, por determinado tempo, observando-se bons resultados na cura das lesões.

Atualmente os felinos apresentam um papel importante como transmissores da esporotricose para humanos, tornando-se um problema de saúde pública no Brasil. A prevenção e controle depende do rápido diagnóstico da doença no felino doméstico, para que se interrompa a transmissão. Sendo assim, o presente estudo se trata de um relato de caso com o objetivo de avaliar os sintomas clínicos, laboratoriais e terapêuticos de felinos com esporotricose, demonstrando a importância da conscientização dos tutores acerca da doença e dos cuidados necessários com os animais positivos em tratamento.

RELATOS DE CASOS

Foi encaminhado para atendimento em uma Clínica Veterinária, na cidade de Guanambi - Bahia, dois felinos, idade não informada, fêmeas não castradas, sem raça definida, não vacinadas, com histórico de vida livre e acesso à rua. Segundo o tutor, a queixa consistia em lesões que apareceram repentinamente nas regiões da cabeça e corpo do animal, sem alterações no padrão de alimentação ou outras queixas.

ESPOROTRICOSE FELINA: RELATOS DE CASOS

A gata adulta tinha histórico de ter parido há 35 dias. Durante o exame físico foi possível observar: mucosas normocoradas, auscultação e palpação abdominal sem alterações e temperatura normal (38.6° C). Possuía áreas de alopecia em região de cabeça (focinhos, ao redor dos olhos e orelhas), sem histórico de prurido (Figura 1). Segundo o tutor, o animal convive com três filhotes, mas somente um apresentava sinais clínicos semelhantes.

A filha, com 35 dias de vida, que começou a ter os mesmos sintomas da mãe, apresentou no exame físico mucosas normocoradas, auscultação e palpação abdominal sem alteração, e temperatura normal (38.1° C). Possuía também áreas de alopecia no focinho, ao redor dos olhos, nas orelhas e corpo, também sem prurido (Figura 2).

Figura 1 – Lesões em gata adulta com esporotricose



Figura 2 – Lesões em gata filhote com esporotricose



Foram realizados os seguintes exames: hemograma completo, pesquisa direta de *Sporothrix schenckii* e raspado de pele. O diagnóstico presuntivo foi de esporotricose, mãe e filha foram submetidas a procedimento para coleta de material através de raspado profundo dos locais afetados e foram confeccionadas duas lâminas de cada animal. O material foi encaminhado para análise no laboratório de Patologia Clínica Tecsá em Belo Horizonte para serem processadas para exame de pesquisa direta de *Sporothrix schenckii* e raspado de pele.

Os resultados dos hemogramas não revelaram alterações (Tabela 1). Como citado por Pires (2017) este exame geralmente não revela alterações, a menos que haja comprometimento sistêmico, o que não é o caso dos animais estudados.

Tabela 1 – Hemogramas de dois felinos diagnosticados com esporotricose em Guanambi, BA

PARÂMETROS	RESULTADO GATA ADULTA	RESULTADO GATA FILHOTE	VALORES DE REFERÊNCIA
Hemácias	6,5 /mm ³	6,5 /mm ³	5.0 - 10.0/mm ³
Hemoglobina	13,7 g/dL	11 g/dL	8,0 - 15,0 g/dl
Hematócrito	41 %	33 %	24,0 - 45,0 %
VCM	63,08 fl	50,77 fl	39,0 - 55,0 fl
HCM	21,03 pg	16,92 pg	12,5 - 17,5 pg
CHCM	33,33 g/dL	33,33 g/dL	30,0 - 36,0 g/dl
Leucócitos - Global	9.800 /mm ³	7.900 /mm ³	5.500 - 19.500/ mm ³
Neutrófilos bastonetes	0 /mm ³	0 /mm ³	0,0 - 299/ mm ³
Neutrófilos Segmentados	5978 /mm ³	5767 /mm ³	3.000 - 12.000/ mm ³
Eosinófilos	196 /mm ³	0 /mm ³	100 - 1.490/ mm ³
Basófilos	0 /mm ³	0 /mm ³	RAROS/ mm ³
Linfócitos	3234 /mm ³	1896 /mm ³	1.000 - 4.900/ mm ³
Monócitos	392 /mm ³	237 /mm ³	100 - 1.400/ mm ³
Plaquetas	398.000/mm ³	368.000/mm ³	300.000 - 800.000/mm ³

Na microscopia direta do raspado das lesões obteve-se o resultado negativo para sarnas e positivo para fungos, sendo estes, hifas septadas e ramificadas. Na pesquisa direta de *Sporothrix schenckii* confirmou-se a presença de *Sporothrix schenckii* na amostra analisada.

Após o diagnóstico presuntivo de esporotricose, iniciou-se o tratamento farmacológico antifúngico: Itraconazol®, no período de 60 dias e Hepvet suspensão durante 20 dias. O tutor foi orientado quanto aos cuidados necessários durante o tratamento, e sobre o risco de se tratar

um animal portador de uma doença zoonótica, sendo assim contagiosa. Durante todo o tratamento, o tutor agiu com responsabilidade, seguindo todas as recomendações e os animais permaneceram isolados, a fim de evitar a transmissão para outros animais, para o ambiente ou para humanos. Após o término de todo o tratamento, houve cicatrização de todas as feridas, e total recuperação dos animais estudados (FIGURA 3).

Figura 3 – Animais diagnosticados com esporotricose após tratamento com Itraconazol.



A esporotricose é considerada endêmica em vários estados do Brasil, e sua incidência vem aumentando em humanos, tendo como principal transmissor o gato (SILVA et al., 2020). O médico veterinário possui um importante papel no controle da doença, deve ter cautela e ser bem informado acerca dos cuidados com um animal positivo para esporotricose, tanto para se proteger quando houver o manejo no consultório, como também para passar as orientações necessárias ao tutor para o tratamento. Os animais positivos para a esporotricose devem ficar em ambiente restrito e estar separados de outros que estão saudáveis, o tutor deverá utilizar luvas na manipulação, ter cuidado com arranhaduras ou mordidas e realizar a desinfecção do ambiente com hipoclorito (SANTOS et al, 2018; PIRES, 2017). Também é necessário conscientizar o tutor em relação a uma possível falha no tratamento, podendo assim ser necessário eutanásia dos casos sem possibilidade terapêutica, e em casos de óbito, o corpo deve ter como destino a incineração para que não ofereça riscos (PIRES, 2017).

CONCLUSÃO

No relato de caso estudado é possível concluir a necessidade de realização de exames diferenciais para a esporotricose felina em casos de dermatite mesmo em municípios não endêmicos, como é o caso da região relatada no estudo. É de grande importância o

reconhecimento do veterinário, para que haja o diagnóstico dos casos suspeitos e a conduta clínica ideal, inativando assim o ciclo de transmissão da doença tanto para outros animais como também para o ser humano.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, A.J., REIS, N.F., LOURENÇO, C.S., COSTA, N.Q. et al. Esporotricose Em felinos domésticos (*Felis Catus Domesticus*) em Campos dos Goytacazes, **Rj. Pesq. Vet. Bras** v.38, n.7, p.1438-1443, 2018.

MACÊDO-SALES, P.A., SOUTO, S.R.L.S., DESTEFANI, C.A. et al. Diagnóstico laboratorial da esporotricose felina em amostras coletadas no estado do Rio de Janeiro, Brasil: limitações da citopatologia por imprint. **Rev Pan-Amaz Saude** v.9, n.2, p.13-19, 2018.

PIRES, C. Revisão de literatura: esporotricose felina / Feline sporotrichosis. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP**. São Paulo: Conselho Regional de Medicina Veterinária, v. 15, n. 1, p.16-23, 2017.

SANTOS, A.F., ROCHA, B.D., BASTOS, C.V., OLIVEIRA, C.S.F. et al. Guia Prático para enfrentamento da Esporotricose Felina em Minas Gerais. **Revista V&Z Em Minas**, n. 137, 2018.

SILVA, G.M., HOWES, J.C.F., LEAL, C.A.S. et al. Surto de esporotricose felina na região metropolitana do Recife. **Pesq. Vet. Bras**. v. 38, n. 9, p. 1767-1771, 2018.

SILVA, J.N. Avaliação da sensibilidade de métodos diagnósticos e da carga fúngica durante o tratamento com itraconazol na esporotricose felina. Tese (doutorado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre 2016.

SILVA, R.B., PARIZE, T.H.L., SILVA, M.H., FEIJÓ, F.S et al. Esporotricose no Brasil: uma doença comum a felinos e humanos - revisão de literatura. **Braz. J. Anim. Environ. Res.**, v. 3, n. 1, p.195-199, 2020.

A Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária é uma publicação semestral da Faculdade de Ensino Superior e Formação Integral – FAEF e da Editora FAEF, mantidas pela Sociedade Cultural e Educacional de Garça. Rod. Cmte. João Ribeiro de Barros km 420, via de acesso a Garça km 1, CEP 17400-000 / Tel. (14) 3407-8000. www.faeef.br – www.faeef.revista.inf.br – medicina@faef.br